

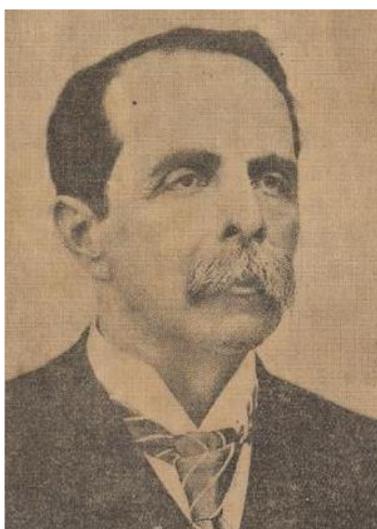


LUIZ TARQUÍNIO

E A HISTÓRIA DOS NEGÓCIOS NA BAHIA

Por Adriano Leal Bruni¹

Versão de 08/08/2022 15:12.



★ 24 jul. 1844 (Salvador, Bahia)

† 9 out. 1903 (Salvador, Bahia)

" Não se muda ou anula o passado."

Luiz Tarquínio, filho de mãe forra e tendo frequentado muito pouco a escola, construiu brilhante trajetória, indo de menino varredor de loja a grande industrial, superando inúmeros obstáculos. Fundou em 1891 uma das maiores tecelagens do Brasil, a Companhia Empório Industrial do Norte, marcada por práticas pioneiras do que viriam a ser conhecidas posteriormente como responsabilidade social corporativa.

¹ A biografia aqui apresentada sob a forma de caso de ensino foi elaborada originalmente para a obra HASTENREITER FILHO, Horacio Nelson; VALIM, Patrícia; BRUNI, Adriano Leal; TELLECHEA, Justina; BARBOSA, André Gustavo de Araújo. Gestões empresariais inspiradoras: a trajetória de grandes empreendedores baianos e seus papéis transformadores na atividade empresarial. 1. ed. Salvador, BA: Ed. dos Autores, 2022.

Nascimento e infância

Luiz Tarquínio nasceu na Rua dos Capitães (depois rua Ruy Barbosa), Centro Histórico de Salvador, Bahia, no ano de 1844. Filho de Maria Luiza dos Santos, mãe solteira e lavadeira forra (escravizada que conquistou a liberdade). Detentora de admirável personalidade, superou muitos desafios, tendo aprendido a ler e escrever numa época em que a alfabetização era privilégio de classes mais abastadas.

Enquanto criança, Luiz Tarquínio desenvolveu pequenas atividades comerciais, vendendo bilhetes de loteria, bolos e doces caseiros. Foi moleque de recados e carregador, subindo e descendo as ladeiras da velha Salvador. Ajudou a mãe a confeccionar bonecas de pano, chamadas de bruxas. Vendia-as nas feiras e para as filhas de suas patroas de lavagem de roupa.

A sua vontade de conhecer o que era noticiado nos jornais velhos que chegavam a sua casa era grande, o que motivou a própria Maria Luiza a lhe ensinar as primeiras letras. Quando completou sete anos, sua mãe o matriculou em escola pública do bairro da Sé. Era um novo mundo, repleto de novos desafios e aprendizagens. Pena que a escola seria breve.

Primeiro emprego

No ano de 1854, aos dez anos, tornou-se resoluto em trabalhar para ajudar a mãe, que pediu a Lino Porphyrio da Silva, comerciante do centro de Salvador, uma vaga para o filho. Lino Porphyrio era um dos usuais compradores das bonecas costuradas por Maria Luiza, eventualmente também cliente dos serviços de lavar e passar. Sua loja vendia tecidos e o empregador precisava de ajuda para limpar o escritório e organizar as peças de tecidos.

Os livros existentes no escritório chamaram sua atenção. Autorizado pelo patrão, passou a levá-los para casa, ampliando seus conhecimentos e avançando nos estudos. Do chefe, recebeu uma importante lição: “o homem mais perigoso é o que sabe pelo meio. O ignorante é humilde porque sabe que não sabe. O sábio é modesto porque tem consciência de que o que sabe é apenas uma pequena parcela do que ele ainda não sabe. Mas o que sabe pelo meio é pretencioso e pensa que sabe de tudo”.

As atividades na limpeza foram breves. Logo, Luiz Tarquínio passou a atender no balcão, cativando a clientela com uso de inteligência, dedicação, atenção e educação. Clientes saíam satisfeitos, já que Luiz Tarquínio procurava entender e conhecer os gostos e necessidades de cada um.

Assim, conheceu e tornou-se amigo de Polydoro Bittencourt, jovem comerciante já estabelecido. A relação foi tão próxima, que seus filhos Otto e Adelaide se casariam, iniciando o ramo da família Tarquínio Bittencourt. Polydoro aproximou Luiz Tarquínio dos irmãos Bruderer,

possuidores de firma de grande porte e que oferecia maiores e melhores condições de crescimento.

Atuação na Bruderer & Cia.

Em 1859, com 15 anos, Luiz Tarquínio recebeu convite para trabalhar para João Gaspar Bruderer. A Bruderer & Cia. era uma importadora e atacadista de tecidos. Atendia a grandes comerciais e industriais e usufruía de alto conceito. Era o ambiente propício para revelar aptidões para uma carreira rápida e brilhante.

Na empresa, o uso do inglês e o contato com a Inglaterra eram frequentes. Luiz Tarquínio aprimorou o domínio do idioma, favorecendo novos aprendizados e novos estudos, incluindo de contabilidade e finanças, ampliados por diversas viagens à Europa.

Consolidou, para si, a ideia de que ver melhor é saber mais, é conhecer, é ser mais, organizando a realidade de forma mais clara, a significação das pessoas e dos acontecimentos. Era preciso estruturar seu habitat a partir de si mesmo, seu saber e seu fazer. Seus conhecimentos e seus resultados refletiam as muitas experiências acumuladas.

Em relação aos tecidos, desenvolveu seu próprio sistema de padronagem, desenhando os modelos ao gosto dos fregueses, o que lhe trazia fama e intensa procura pelos clientes. Em 1864, com 19 anos, se tornou sócio minoritário da empresa. Posteriormente, também se tornou compadre de João Bruderer, que batizou seu primogênito Luiz Filho, que teve seus estudos custeados na Bélgica pelo padrinho.

As viagens foram fundamentais para sua evolução, com 23 idas e vindas entre os anos 1864 e 1900. Manchester, importante centro industrial inglês, foi o primeiro destino, onde ficou alguns meses. Exerceu atividades industriais, visitando as principais cidades inglesas, conhecendo obras, equipamentos e diferentes políticas assistencialistas, testemunhando renovações sociais em uma Inglaterra pioneira. Também desenvolveu atividades artísticas, aprimorando seu estilo de padronagens. Fez contato com inúmeros personagens da economia e das finanças britânicas.

Em 1895, a implantação de novas indústrias de tecidos no Brasil, incluindo àquela que ele próprio fundaria em 1890, trouxe preocupações sobre os novos e ampliados desafios associados à importação de tecidos. Luiz Tarquínio sugeriu ao amigo e sócio a liquidação da sociedade enquanto ainda dispunham de situação financeira confortável. Precisou convencer diretores descontentes. Demonstrou que seria a única saída para evitar imensos prejuízos financeiros futuros, o que foi feito. A decisão se revelou acertada, com os antigos concorrentes da Bruderer falindo em tumultuada situação financeira meses depois.

Oportunidades e desafios do encilhamento

Em 1889, foi proclamada a República no Brasil. O baiano Ruy Barbosa, na condição de Ministro da Fazenda entre 1889 e 1890, durante o governo provisório do marechal Deodoro da Fonseca, havia tomado iniciativas com o propósito de desenvolver a economia por meio da industrialização na transição entre a Monarquia e a República.

Além do desenvolvimento da industrialização e do crescimento econômico, Ruy Barbosa buscava atenuar a dependência do capital estrangeiro, incluindo uma redistribuição da riqueza em favor da nascente burguesia urbana, apoiando as novas forças representadas pela classe média em ascensão e substituindo a antiga estrutura agrária baseada na exportação de café.

Os planos demandariam divisas. Tendo recebido da Monarquia um Tesouro falido e não podendo contar com empréstimos externos, negados a um governo provisório, o Ministro lançou mão de expediente similar ao utilizado nos Estados Unidos, encetando uma reforma financeira que permitia a emissão de moeda sem lastro em ouro. Além disso, elevou as tarifas alfandegárias.

As medidas ampliaram o crédito e facilitaram a entrada de matérias-primas. A ampliação do dinheiro em circulação trazia a expectativa do seu emprego na implantação de indústrias ou em atividades produtivas.

O contexto² seria propício para novos empreendedores e novas ideias, permitindo a Luiz Tarquínio colocar em prática seus sonhos empreendedores.

Negócios na península de Itapagipe

Uma parte importante do espaço ocupado pela Cidade Baixa em Salvador é formada pela península de Itapagipe, local privilegiado, com praias de águas calmas, graças ao quebra mar natural, formado pela Ilha de Itaparica. No passado, havia muitas casas de veraneio da alta sociedade baiana, todas atraídas pela beleza do local e pureza do ar que lá se respirava.

A partir do século XIX, a região passou a ser vista por grandes empreendedores como local com boas características para se implantar as indústrias, por ser uma região beira-mar, facilitando a importação e exportação por via marítima. As ferrovias surgidas na segunda metade dos anos

² É importante destacar que a ampliação das fontes de financiamento para novos negócios funcionou, também, como combustível para diversas negociatas, incluindo desenfreada especulação na Bolsa de Valores. Ações eram compradas de forma puramente especulativa, com o objetivo apenas de venda no futuro e em cenário de grandes incertezas. Empresas-fantasma foram criadas, obtendo financiamentos por meio de má fé, negociando ações com preço crescente mesmo sem terem operações. Ocorreram falências generalizadas e a inflação foi consequência. Este período ficaria conhecido como “encilhamento”, expressão que, na linguagem utilizada em hipódromos, corresponde à confusão e à jogatina presentes nos espaços destinados às corridas, no momento em que os jockeys encilhavam seus cavalos antes da largada.

1800 ainda não se destacavam como modais de transporte, assim como as rodovias que ganharam importância com os caminhões apenas bem depois.

A península se transformou em polo industrial, local propício para a implantação da indústria de construção naval, com estaleiros como o Arsenal da Marinha e os Arsenais de Guerra, fabricando embarcações e armas para a Armada Brasileira. Posteriormente, grandes e importantes fábricas foram instaladas na península ou em Plataforma, região contígua à península itapagipana e que se consolidou como bairro com a implantação da estrada de ferro Calçada-Paripe, inaugurada em 1860, e com o surgimento, em 1875, da fábrica têxtil São Braz que, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do XX, atraiu centenas de trabalhadores que lá se estabeleceram transformando a área da antiga Fazenda Brandão, num bairro operário.

Quadro 1. Indústrias e manufaturas estabelecidas em Itapagipe e Plataforma até 1890

Estabelecimento	Ano de instalação	Localização
Real Fábrica de Vidros	1814	Porto do Bonfim
Indústria Têxtil Nossa Senhora da Conceição	1835	Entre a Rua Pedreira Franco e a linha férrea
Fábrica Têxtil São Braz	1875	Plataforma
Indústria Têxtil Nossa Senhora da Penha	1875	Ribeira
Cigarros Leite e Alves	1881	Calçada do Bonfim, nº 95
Fábrica de cigarros Martins Fernandes e Cia	1889	Calçada do Bonfim, nº 15
Companhia Fabril dos Fiaes	1890	Distrito dos Mares

Fonte: adaptado de Souza, Neves e Spínola (2019).

A chegada da indústria têxtil deu vigor às atividades empreendedoras na região, tornando a Bahia o centro da indústria têxtil do Brasil até meados do século XIX.

A Companhia Empório Industrial do Norte

No final dos anos 1800, Luiz Tarquínio já havia acumulado experiência com a comercialização de tecidos, incluindo o desenvolvimento de padrões e adequações para diferentes clientes. Também havia desenvolvido importante rede de contatos com indústrias têxteis europeias, incluindo fornecedores de equipamentos. Todos esses fatores, somados aos seus conhecimentos sobre Economia e Finanças e ao incentivo, vigente à época, para a industrialização nacional, com a ampliação de fontes de financiamento e o provável estabelecimento de barreiras tributárias alfandegárias promovida pela recém-nascida República, contribuíram para o desejo de criação de uma indústria têxtil.

A Bahia registrava a presença de poucas indústrias de tecidos. Por volta de 1850, eram três pequenas companhias, sendo que a maior tinha 48 teares. Posteriormente, outras fábricas começam a surgir, incluindo fábrica de chapéus inaugurada em 1860, com 250 operários.

Os tecidos produzidos na Bahia, grosseiros e de má qualidade, costumavam ter a senzala como destino. Panos finos, consumidos pelos mais abastados, vinham da Europa, com destaque para as fábricas de Manchester e Birmingham. Casas de origem inglesa, como a Bruderer & Cia., importavam e distribuíaam.

Em quatro de março de 1890, Luiz Tarquínio com o apoio do Banco Mercantil e dos sócios Leopoldo José da Silva e Miguel Francisco Rodrigues de Moraes fundaram a Companhia Empório Industrial do Norte (CEIN), que teria suas instalações no bairro da Boa Viagem, na Península de Itapagipe em Salvador. O empreendimento ousava nos maquinários voltados à produção de zephyrs de quadros, brins e cassinetas, tecidos até então não fabricados no Brasil, empregando fios de algodão importados.

No papel, seria uma grande fábrica, com modernos e bem selecionados equipamentos, cerca de 1600 funcionários, distribuídos em inúmeras seções com funcionamento integrado em um só organismo. O local para sua instalação foi criteriosamente escolhido. Precisava estar próximo ao cais do porto, à malha ferroviária e, de preferência, à beira-mar na Baía de Todos os Santos, de modo a ter um próprio ancoradouro, facilitando embarques e desembarques de matéria-prima, combustíveis e produtos acabados.

A península de Itapagipe, mais especificamente, o bairro da Boa Viagem, atendia aos critérios estabelecidos e ainda contaria com apoio do Senhor do Bonfim, estando aos pés da colina sagrada que contém a sua igreja.

O terreno escolhido era formado por mato, brejo e praia. O pântano foi drenado. Prédios com área próxima a 20 mil metros quadrados foram construídos, bem como ancoradouro e linha de trem. O maquinário foi rigorosamente selecionado. Luiz Tarquínio escolheu o que havia de melhor, recusando a oferta de kits de fábricas, usualmente ofertados no Brasil sob a denominação de “fábricas completas”. Foram importados equipamentos e peças isoladas da Inglaterra, Bélgica, Alemanha e Estados Unidos (com nascente industrialização).

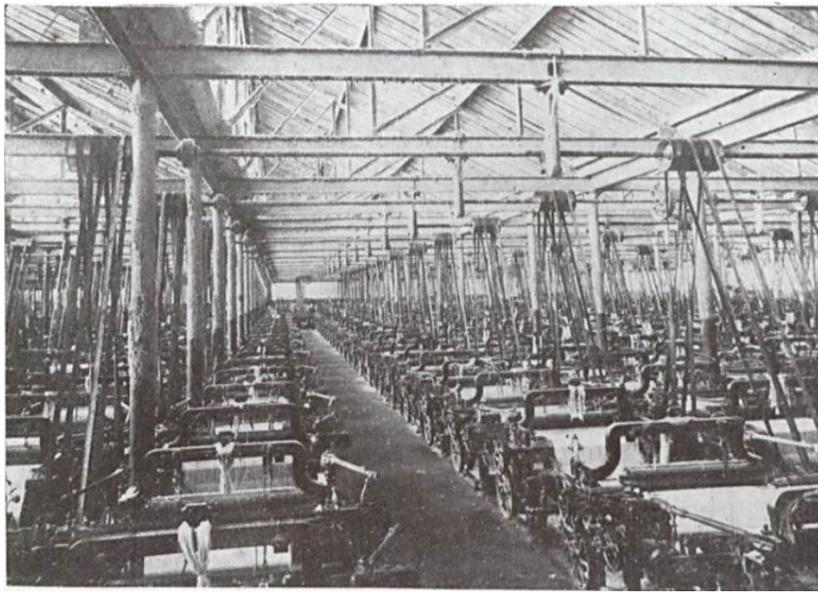


Figura 65. Salão com mil teares

Fonte: <pt.wikisource.org/wiki/P%C3%A1gina:A_Patria_Brazileira.djvu/291>. Acesso em: 8 abr. 2022.

O primeiro prédio abrigava o salão branco e seus mil teares, responsáveis por fabricar, especialmente, panos brancos ou com finos riscados de cores. Ao lado do salão, havia sete enroladeiras e dez urdideiras destinadas à embalagem dos panos. Também existiam 14 máquinas de liçar, que preparavam os fios para uma manipulação mais fácil. Depois de tecidos, os panos eram umedecidos, escovados e lustrados por quatro máquinas em uma só operação. Por fim, cinco dobradeiras e duas prensas hidráulicas compunham o conjunto de equipamentos do salão branco.



Figura 66. Rótulo de produtos da CEIN

O segundo prédio abrigava o salão de cor com 166 teares e equipamentos específicos para o tingimento dos fios de algodão, incluindo depósitos de produtos químicos, tanques, bombas, turbinas, estufas, ventiladores e máquinas para embalar os panos.

Outros prédios envolviam o depósito de matéria-prima e a seção de fiação, formada por seis batedores, 36 caídas patentes, nove máquinas de estiragem, meadeiras, dobradeiras mecânicas, máquinas de beneficiar a estopa e para encapar rolo de fio, além de 18 fiadeiras com 6.048 fusos para fio de trama e outras 16 fiadeiras com 4.864 fusos para fio de urdir.

O serviço de prevenção de incêndio tinha a dimensão do necessário para uma pequena cidade, formado por bomba sobre rodas, canalização com bocas e pressão hidrostática suficiente para atingir grandes distâncias.

Vila Operária e preocupações sociais

Uma parte muito importante da CEIN era a sua Vila Operária, cuja primeira etapa, inaugurada em 1892, era composta por 258 casas residenciais de dois pavimentos, contando, já nos seus primeiros anos, com água canalizada, esgoto, luz elétrica e gasogênio. Posteriormente, e de forma gradativa, passaram a ser ofertados serviços como escola, gabinete médico, farmácia, loja, creche, campo de futebol e armazém. Os aluguéis das casas eram subsidiados e, após cinco

anos de serviços sem registros negativos, os trabalhadores e suas famílias ficavam isentos do pagamento. Ao completar dez anos recebiam a escritura de uma casa fora da Vila.

A escola da Vila recebeu um museu de História Natural e um curso noturno para os operários. Também contava com serviço médico-hospitalar e dentário, além de creche para os filhos das funcionárias da fábrica que não tinham com quem deixar as crianças nos períodos laborais. As operárias parturientes recebiam salários integrais, sem trabalhar, 15 dias antes e 30 depois do parto, o que antecipava em muitos anos os direitos das mulheres trabalhadoras.

As preocupações de Luiz Tarquínio iam além da moradia, habitação, saúde, higiene e educação dos seus funcionários e familiares. Registros indicavam o fornecimento de alimentos subsidiados nos armazéns da Vila, a concessão de empréstimos para funcionários, bem como doações de variados tipos como móveis, utensílios ou materiais de construção.



Figura 67. Cartão-postal colorido manualmente da Vila Operária em 1908

Fonte: <<http://abet-trabalho.org.br/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-66-vila-operaria-de-luiz-tarquinio-salvador-ba/>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

A infraestrutura da Vila e suas condições de moradia eram entendidas como muito superiores às dos demais trabalhadores da cidade e divulgadas como atrativos para novos funcionários. Matérias jornalísticas divulgavam positivamente a vila, destacando um cotidiano marcado por festas dominicais e atividades de lazer. Os administradores investiram na produção de cartões-postais como forma de divulgação e recrutamento. Os cartões eram amplamente divulgados e

os operários eram incentivados a encaminhá-los para parentes e amigos, ajudando a consolidar uma boa imagem da Vila, muitas vezes apresentada como “ilha de ordem”, “Cidade do Bem”, “Cidade Operária” ou “Cidade do Trabalho”.

Contudo³, conflitos e restrições existiam. Nem todos os operários da fábrica viviam na Vila. Era preciso atender às exigências de ordem moral estabelecidas nos regimentos internos e com fiscalização sistemática do seu cumprimento. Na Vila, também residiam alguns chefes.

Os planos da Vila faziam parte das preocupações sociais⁴ de Luiz Tarquínio. A forma específica de organização do trabalho, o tratamento dispensado ao conjunto dos trabalhadores, a higiene, o incentivo à educação formal, o modo de ocupação das casas pelos empregados, que contavam com facilidades não usuais na cidade, despertavam surpresas nos visitantes e preocupações em investidores.

Muitos acionistas haviam investido nas ações motivados pela campanha inovadora de sua criação. No entanto, a constatação dos gastos associados às preocupações sociais motivaram a venda breve dos títulos, já que não desejariam o seu capital entregue⁵ às “expectativas temerárias de um visionário”. Muitos defendiam que suas ideias não estariam associadas a um puro “sentimento de caridade”, correspondendo a um ato de “justiça social, tão útil ao operário quanto ao patrão”.

³ Santos (2010) ressalta as preocupações associadas a uma apresentação usualmente idílica da Vila Operária, com a mitificação de Luiz Tarquínio. Reforços a essa construção teriam ocorrido em pelo menos dois momentos específicos: em 1923, por ocasião do centenário da independência da Bahia, e na década de 1940, com a aproximação das comemorações dos 400 anos da cidade de Salvador. Nos dois momentos, teria se buscado enaltecer a Bahia e seus filhos, com a “recriação de memórias de um passado considerado glorioso buscando, assim, encontrar meios para a retomada de seu destaque político no cenário nacional”. A vila passou a ser costumeiramente apresentada como um lugar tranquilo, ordeiro e, sobretudo, sem conflito entre trabalho e capital. Contudo, Santos (2010) também destaca a existência de tensões e conflitos de natureza social e racial, como prêmios e punições para os que atendiam ou infringiam as regras de condutas previstas nos regimentos internos. Grades ao redor da vila impunham rígido controle da entrada e saída dos moradores e seus parentes que vinham visitá-los. Registros relatam meios para burlar a vigilância, incluindo narrativas de crianças enganando inspetores para poder jogar bola em áreas proibidas e de jovens driblando o controle para namorar nos jardins internos da vila. Também é importante o destaque para a participação dos operários da empresa em greves, como a de 1907, quando a Vila foi palco de mobilizações e negociações sobre os rumos do movimento.

⁴ Muitos anos depois, a Associação Brasileira de Recursos Humanos reconheceu a importância pioneira das práticas adotadas na CEIN, passando a conceder o "Prêmio Ser Humano Luiz Tarquínio" para pessoas que desenvolvem projetos de responsabilidade social.

⁵ As preocupações dos acionistas podem ser vistas em Vianna Filho (1940).



Figura 68. Certificado de ação da CEIN.

Outros acionistas que mantiveram seus investimentos foram, possivelmente, convencidos pelas justificativas apresentadas nas informações prestadas pela administração da empresa. No primeiro relatório da Companhia submetido à Assembleia Geral, os diretores demonstraram a saúde financeira da Companhia e destacaram a “ilimitada confiança que por diversos modos” foi demonstrada pelos associados e ainda manifestaram “sinceros protestos de gratidão pela confiança” que os membros da comissão fiscal lhes depositaram.

Argumentos relacionados à produtividade dos trabalhadores, favoráveis às preocupações sociais, poderiam ser apresentados. O percentual de faltosos costumava alcançar média superior a 15% em outras fábricas, bem acima dos números da CEIN, que não chegariam a 1%. O próprio Luiz Tarquínio justificava como “corporativamente racional” suas preocupações sociais: “A fábrica da Boa Viagem possui, hoje, 490 teares e para cada tear parado o prejuízo real é de 3 mil reis diários; 15% de faltosos representam 150 contos anuais”.

As inovações sociais manifestadas no contexto da CEIN ocorreram em momento marcado por mudanças, tanto políticas quanto econômicas, com a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado e da Monarquia pela República.

Ascensão e queda

A evolução da CEIN foi notável. Em 1895, já fabricava metade dos tecidos de algodão cru da Bahia, empregando um terço de todos os operários e dois terços de todos os teares. Em 1896, possuía 697 operários (171 homens e 526 mulheres) sendo apenas 28 estrangeiros. Os trabalhadores eram recrutados principalmente em outros estados do Nordeste e no interior da Bahia e a proporção maior de mulheres se manteve por longos anos. A empresa também empregava aprendizes e o seu contingente era diversificado.

Posteriormente, desafios surgiram. Os sócios faleceram ainda nos primeiros anos. Em 1895, Miguel Francisco Rodrigues de Moraes. No ano de 1903, Leopoldo Jose da Silva e Luiz Tarquínio, este último aos 59 anos. Muitas foram as homenagens prestadas pela despedida de Luiz Tarquínio.

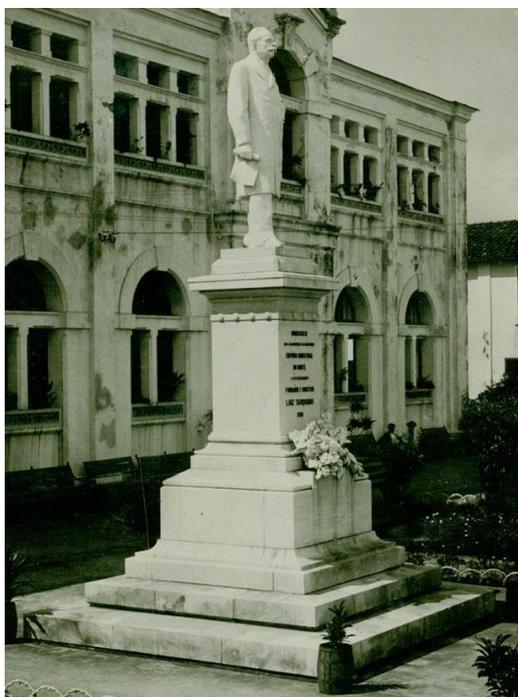


Figura 69. Monumento a Luiz Tarquínio

Fonte: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/fotografias/GEBIS%20-%20RJ/ba32289.jpg>>. Acesso em: 28 jun. 2021.

O contexto também trouxe desafios, como a perda de isenções de impostos em 1929 e a elevação dos valores dos aluguéis das casas da vila. Em 1930, surgiram problemas com a importação de algodão e de peças para reposição do maquinário nos anos de 1930, o que obrigou a empresa a vender quarteirões inteiros de casas para outras companhias como a Souza

Cruz (1935) e a Coca-Cola (1941) promovendo mudanças significativas nos espaços internos da vila operária.

Por fim, em 1977, foi decretada a falência da CEIN. Sua vila operária permaneceu como espaço de moradia de 1.500 pessoas, que passaram a enfrentar diversos problemas para se manterem em suas residências. Foi o início de longa batalha pela posse das casas, com os antigos operários e seus descendentes conquistando seus direitos efetivamente em 1982, por força de um decreto estadual.

Referências

Este texto está presente em:

HASTENREITER FILHO, Horacio Nelson; VALIM, Patrícia; BRUNI, Adriano Leal; TELLECHEA, Justina; BARBOSA, André Gustavo de Araújo. **Gestões empresariais inspiradoras: a trajetória de grandes empreendedores baianos e seus papéis transformadores na atividade empresarial**. 1. ed. Salvador, BA: Ed. dos Autores, 2022.

Outras referências

Uma apresentação ampla de Luiz Tarquínio, escrita por uma bisneta pode ser vista em: DUMET, Eliana Bittencourt. **Luiz Tarquínio: O semeador de ideias**. Salvador: Memorial das Letras, 1998.

IRDEB. **A Vila Operária de Luiz Tarquínio**. O documentário produzido pelo Instituto de Radiodifusão da Bahia – IRDEB, fez um histórico da Vila desde a época de Luiz Tarquínio até meados dos anos 1980, com imagens captadas em vários ângulos com riqueza de detalhes e depoimentos de moradores. Entre os entrevistados estão alguns moradores idosos, outros mais jovens e um neto de Luiz Tarquínio.

MARCOVITCH, Jacques. **Pioneiros e empreendedores: a saga do desenvolvimento no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: EDUSP, 2003. Em obra formada por três volumes, o autor apresenta biografias de importantes empreendedores brasileiros, incluindo Luiz Tarquínio.

SANTOS, Marilécia Oliveira. **O viver na “Cidade do Bem”: tensões, conflitos e acomodações na Vila Operária de Luiz Tarquínio na Boa Viagem/BA**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais: 2010. A autora apresenta uma visão menos mitificada de Luiz Tarquínio.

DE SOUZA, José Gileá; DE SOUZA, Laumar Neves; SPINOLA, Noelio Dantasle. ASCENSÃO E QUEDA DE UM CENTRO INDUSTRIAL URBANO: A PENÍNSULA DE ITAPAGIPE EM SALVADOR/BAHIA. Revista Baru - Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos, Goiânia, v. 5, n. 2, p. 341-362, dez. 2019. ISSN 2448-0460. Disponível em:

<<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/7867/4339>>. Acesso em: 15 jul. 2021. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/baru.v5i2.7867>.

SAMPAIO, José Luiz Pamponet. A evolução de uma empresa no contexto da industrialização brasileira: A Companhia Empório Industrial do Norte, 1891-1973. 1975. 236f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

SANTOS, Marilécia Oliveira. Lugares de Memória dos Trabalhadores #66: Vila Operária de Luiz Tarquínio, Salvador (BA). Disponível em: < <http://abet-trabalho.org.br/lugares-de-memoria-dos-trabalhadores-66-vila-operaria-de-luiz-tarquinio-salvador-ba/> >. Acesso em: 28 jun. 2021.

SANTOS, Mário Augusto da Silva. Sobrevivências e Tensões Sociais – Salvador (1890-1930). 1982. 471f. Tese (doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VIANNA FILHO, Luiz. O insigne industrial Luiz Tarquínio. Bahia: Estabelecimento Gráfico Globo, 1940.

[Livro em que o uso do caso é sugerido](#)

BRUNI, A. L. **Administração financeira de empresas no Brasil**. Texto em elaboração.

Problematizações possíveis

Caso você esteja matriculado em alguma das turmas do Prof. Adriano Leal Bruni, apresente suas respostas no formulário disponível em <<https://forms.gle/Fg8x47p3GAUGzZEw5>> antes da aula em que este caso será usado (consulte o planejamento da disciplina). A apresentação dessas respostas pode ser usada para repor notas de atividades de sala de aula (caso a disciplina cursada por você registre notas em atividades de sala de aula). Se lembre que um caso pode conter diferentes problematizações, com códigos apresentados entre colchetes no início de cada conjunto de perguntas. Responda à problematização proposta para a sua aula!

[LUIZ_TARQUINIO_FIN_OBJ] AULAS DE INTRODUÇÃO ÀS FINANÇAS: Conflitos.

No livro sugerido, leia o Capítulo 1, estudando as seções que discutem conflitos. Responda:

[1] Qual a importância, para a gestão financeira, da mitigação de conflitos?

[2] Quais conflitos podem ser vistos na biografia apresentada?

[3] Quais buscas pela mitigação de conflitos podem ser vistos na biografia apresentada?

[4] O que justificaria as práticas de gestão social de Luiz Tarquínio?

[5] O que existe de diferente entre as práticas de gestão de Luiz Tarquínio e o conceito atual de ESG (governança ambiental, social e corporativa, do inglês *Environmental, Social, and corporate Governance*)?